



ELEIÇÃO / Pesquisas apontam diferença mínima entre os candidatos à presidência, com pequena vantagem do atual líder Emmanuel Macron sobre a adversária de extrema direita, Marine Le Pen

Franceses vão às urnas hoje

Os franceses decidem hoje se seguem sob o comando do atual presidente, Emmanuel Macron, ou se irão trocá-lo pela sua adversária de extrema direita, Marine Le Pen. O segundo turno pode ser definido por poucos votos, já que as últimas pesquisas indicam uma diferença mínima entre os candidatos, com ligeira vantagem do atual líder. O resultado do pleito, que pode ser decidido por eleitores da esquerda que ficaram sem um nome para a segunda fase da disputa, também é aguardado com expectativa por outros países, já que indicará o futuro da União Europeia.

Assim como a disputa eleitoral realizada em 2017, Macron e Le Pen, com 27,85% e 23,15% dos votos no primeiro turno, respectivamente, disputam a presidência no segundo turno, depois de deixarem outros 10 candidatos para trás — entre eles, o esquerdista Jean-Luc Mélenchon (quase 22%). De acordo com as pesquisas mais recentes, divulgadas na última sexta-feira, o candidato do partido A República em Marcha (LREM, na sigla em inglês), de 44 anos, derrotaria sua rival do Reagrupamento Nacional (RN), de 53, com uma vantagem menor do que o pleito anterior, quando foi proclamado presidente com 66,1% dos votos.

O cenário atual da França é bem diferente do que foi visto em 2017. A primeira parte do

governo de Macron foi marcada por uma série de protestos sociais. Logo em seguida, uma pandemia global confinou milhões de pessoas em suas casas, e, mais recentemente, a ofensiva russa na Ucrânia abalou fortemente o continente europeu. O conflito, que ainda segue em curso, “sobreviveu” a campanha, embora “o poder de compra tenha sido a preocupação número um” dos franceses, declarou Mathieu Gallard, da empresa especializada em pesquisas Ipsos France, durante uma entrevista à rádio *France Bleu*. Para Gallard, existe no momento “uma forte desilusão” da população, com muitos franceses desapontados com os candidatos que disputam a segunda fase da eleição.

Muitos jovens, assim como parte dos eleitores de Mélenchon, estão insatisfeitos com o balanço social e ambiental dos cinco anos de Macron, mas também temem que a extrema direita chegue ao poder.

Em sua campanha, Macron usou o argumento de ter sido um presidente estável em tempos de crise e reformista. Le Pen optou por se apresentar como defensora do poder aquisitivo dos franceses, em um contexto de preocupação com a disparada dos preços da energia e dos alimentos. Com pensamentos extremamente nacionalistas e bastante diferentes de seu opositor, a vitória da candidata de extrema direita pode prejudicar a vida de

JOEL SAGET, Eric Feferberg / AFP



Assim como em 2017, segundo turno será definido entre Marine Le Pen e Emmanuel Macron

estrangeiros que vivem no país europeu e também alterar alianças internacionais já bem estabelecidas. Le Pen propõe inscrever na Constituição a “prioridade nacional” para excluir os não franceses dos benefícios sociais concedidos pelo governo e também defende abandonar o comando integrado da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e reduzir as competências da

União Europeia (UE). Em 2017, ela chegou a propor a saída da França do bloco econômico, mas a medida radical não se manteve em sua campanha atual. Já o presidente em final de mandato é a favor de “mais Europa”, tanto em matéria econômica e social quanto de defesa, e pretende recuperar seu impulso reformista e liberal, com sua proposta de adiar a idade de aposentadoria

de 62 para 65 anos.

A depender do ganhador, Le Pen pode se tornar a primeira mulher presidente da França, e Macron, o primeiro a ser reeleito desde o conservador Jacques Chirac (1995-2007). “Independentemente do vencedor, o país será mais difícil de governar nos próximos cinco anos”, declarou a cientista política Chloé Morin à Agência France-Press (AFP) de notícias.

O terceiro turno da disputa pelo poder

Após o segundo turno, a França enfrenta outro momento político importante: a campanha para as eleições legislativas, que acontecerá entre os dias 12 e 19 de junho. A disputa irá decidir com qual maioria o futuro chefe de Estado governará. Trata-se de um “terceiro turno”,

para Gaspard Estrada, especialista Sciences Po. De acordo com uma pesquisa divulgada na última sexta-feira pela consultoria BVA, 66% dos franceses querem que Macron perca sua maioria parlamentar, caso seja o vencedor do pleito de hoje.

Jean-Luc Mélenchon já pediu

aos franceses que o elejam “primeiro-ministro” nas eleições legislativas. Como um fervoroso oponente de Emmanuel Macron e Marine Le Pen, Mélenchon prometeu que, se for bem-sucedido, forçaria o novo presidente a uma desconfortável “coabitação” parlamentar.

Para o líder de 70 anos do partido La France Insoumise, a conquista da liderança legislativa resolveria um dilema para os eleitores — especialmente da esquerda — que se sentem politicamente órfãos desde o resultado do primeiro turno, um descontentamento que pode se

refletir nas urnas. “Peço aos franceses que me elejam primeiro-ministro. Peço-lhes que elejam a maioria dos deputados da La France Insoumise. E eu chamo todos aqueles que querem se juntar à União Popular [de esquerda] para se juntarem a nós neste belo combate”, declarou Mélenchon.

GUERRA

Zelensky quer encontro com Putin

Um dia após Vladimir Putin comunicar a expansão da invasão à Ucrânia, o presidente Volodymyr Zelensky pediu uma reunião com o líder russo, com o objetivo de “pôr fim à guerra”. O anúncio foi feito ontem, durante coletiva de imprensa em uma estação de metrô no centro de Kiev, capital ucraniana. O conflito completa dois meses hoje.

Zelensky expressou o desejo de encerrar o confronto armado e justificou a importância do encontro. De acordo com o presidente, “quem começou a guerra poderá pôr fim nela. Temos uma forma diplomática de fazer isso e uma forma militar. Qualquer pessoa sã escolheria a maneira diplomática”, disse.

O líder ucraniano também anunciou a visita de dois secretários norte-americanos a Kiev, para uma reunião a ser realizada hoje. Caso o encontro se confirme, será a primeira visita oficial de membros do governo Biden à Ucrânia, desde a invasão Russa.

No entanto, o presidente da Ucrânia criticou a decisão do secretário-geral da ONU, António Guterres, de ir a Moscou na próxima semana antes de visitar Kiev. “A guerra está na Ucrânia, não há corpos nas ruas de Moscou”, afirmou.

Espaço aéreo

Na tarde de ontem, o chanceler turco Meviut Cavusoglu anunciou o fechamento do espaço aéreo do país para todos os voos russos que tenham a Síria como destino. “Fechamos o espaço aéreo aos aviões militares russos e também aos aviões civis, que se dirigem para a Síria”, declarou o ministro.

A medida terá duração de três meses e foi apontada como uma resposta da Turquia à investida do Kremlin contra a Ucrânia. De acordo com Cavusoglu, o chanceler da Rússia, Sergey Lavrov, já teria sido comunicado da medida e repassado a informação ao presidente Vladimir Putin.

Conforme avaliação de especialistas, a decisão do governo turco pode complicar o envio da ajuda militar russa ao presidente sírio, Bashar al-Assad.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

COM HENRIQUE DELGADO

O ERRO DO HUMANISMO DOUTRINÁRIO

Raça, sexo, língua, religião, nacionalismo, democracia e fanatismos de todo o tipo tomaram conta das discussões mundiais e entupiram os meios de comunicação de conceitos particulares, próprios de seus formuladores. O humanismo se politizou de forma doutrinária e fantasiada de evolução, fazendo mal à convivência humana. Uma onda de classificação por etiqueta, perfil e comportamento, para fazer do direito a diferença uma diferença de direito. Um culto ao eu-particular-e-único, que estimula mágoa, leva ao abuso de confissões, o desnudar-se todo, definindo a identidade específica como caminho para a redenção. A sociedade da reclamação está doente e não fala mais em progresso para todos. Só fala de si mesmo.

Desde que os cientistas da Universidade de Nottingham, na

Inglaterra, criaram um útero artificial capaz de desenvolver um embrião fora da barriga da mãe, a sexualidade começou a perder prestígio como anatomia e um ato de amor. Separando a procriação e a distinção biológica dos papéis desempenhados por homens e mulheres, vem aí um mundo diferente e pior. As derivas no conceito de família começaram a rodar a cabeça dos casais quando se tornou possível acompanhar, com especial curiosidade, a formação do corpo e da cabeça do bebê. Os pais não deram mais folga à sua ansiedade, interessados em entender essa habilidade humana fantástica em se autoformar e nascer sem defeito. Se tudo der “certo” para a ciência da inseminação artificial “in vitro”, o desejo de ter filhos, de quem assim o desejar, não

precisará mais recorrer a uma mulher, nem se interessar em saber quem é o homem.

A descoberta das técnicas de fertilização “in vitro” tornaram o ser humano um detalhe na fecundação, facilitando a ambição de uma ciência que se prepara para oferecer ao mundo o principal passo para a medicalização da vida. Quem não dá valor à família prepare-se para viver num mundo sem parentes. Quem vê a vida como busca da alegria e da felicidade prepare-se para o pior. As maternidades industriais do futuro, que cuidarão da reprodução assistida, poderão receber encomenda de pessoas. Será possível planejar e rejeitar crianças. E tal submissão da ciência ao arbítrio dará a perversos o poder de fazer fanáticos.

Sabemos que a sociedade se agrupa em torno de valores, autênticos ou deteriorados, e embaralha suas ilusões e sonhos, quando não sabe mais distinguir um do outro.

A doutrinação política gosta de certezas e tem pouca vocação para a dúvida. Quem só fala depois de saber o que a opinião pública e grupos querem ouvir não tem necessidade da inteligência e discernimento. Melhor ser pago. O silêncio da maioria é defesa para ficar acima da confusão sem fazer parte da controvérsia. A política, como uma atividade mundial, vale-se da publicidade para esconder as verdadeiras ideias, algumas de aparência medonha, como se vê nas razões de Putin e durante a eleição francesa. Logo, é o que se vê na grande e na pequena política

de personagens capazes de ter opinião sobre tudo, sem o risco de desvendarem a verdadeira representação que têm de si. Capazes de se autoproclamarem profetas para infligir à sociedade valores sobre os quais não existe nenhuma certeza e que não deveriam ser tratados com hostilidade, rótulos, preconceito e baixa estima.

Branquitude, brancofilia; negrofobia, masculinista, feminista; estrangeiro, nacional; libertário, liberticida, direitista, esquerdista, etc, etc, são polos aparentemente antagônicos de uma sociedade dedicada à colonização dos egos, pela rotulação da individualidade. Todas estas distinções e dissociações parecem mais uma lenda vasta e obscura plantada pelo doutrinamento político identitário na cabeça das pessoas, do que fruto real da história da vida humana. Parecem luz, esclarecimento, clareza. São mais treva, sombra, escuridão.

Quem não aderir ao conceito preconcebido de direito especial para grupos e pessoas, próprio da política doutrinária, logo é rechaçado, ofendido, rotulado. A história das mentalidades, do cotidiano, da vida vivida pelo prazer da vida, da cooperação na luta contra o sofrimento, da solidariedade, acaba sendo achincalhada pelo doutrinamento fanático incapaz de ver o que existe além do que é moda.

A história dos direitos civis e da evolução da vida democrática não convive com supremacismos ou com qualquer teoria de substituição de um povo por outro. Estar aberto a novas políticas sociais, a maior integração de todos à sociedade, exige um tom mais adequado, não sectário, sem usar insulto ou xingamento como argumento. Democracia é tirar a maldade da linguagem e pôr um freio na manipulação da identidade do outro.

PAULO DELGADO é sociólogo